

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - COMISSÃO DE GRADUAÇÃO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Como o amor reflete nos fazeres de uma professora? Memórias  
para encantar os processos de ensino-aprendizagem.**

Tarine Silveira Bialeski

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin

Co-orientadora: Dra. Bruna Moraes Battistelli

Porto Alegre

2022

Tarine Silveira Bialeski

**Como o amor reflete nos fazeres de uma professora? Memórias  
para encantar os processos de ensino-aprendizagem.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão de graduação do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin

Co-orientadora: Dra. Bruna Moraes Battistelli

Porto Alegre

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

Bialeski, Tarine Silveira

Como o amor reflete nos fazeres de uma professora?  
Memórias para encantar os processos de  
ensino-aprendizagem / Tarine Silveira Bialeski. --  
2022.

58 f.

Orientadora: Luciano Bedin.

Coorientadora: Bruna Moraes Battistelli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas,  
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. sala de aula amorosa. 2. espiritualidade. 3.  
bell hooks. I. Bedin, Luciano, orient. II. , Bruna  
Moraes Battistelli, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Produção feita junto ao grupo de pesquisa Políticas do Texto, vinculado ao programa de pós-graduação em psicologia social e institucional da UFRGS.



## Agradecimentos

À minha coorientadora Bruna, por me decifrar e colocar em palavras tudo o que eu precisava ouvir, sempre me apontando o caminho com amor durante a produção deste trabalho.

Às minhas Mães de Santo Carol e Deise, por me ensinarem a confiar.

Às minhas amigas Bruna, Liane, Luana e Amanda, por estarem sempre presentes e prontas para ofertar noites de risadas, bebidinhas e unhas pintadas.

À minha amiga Pati, pelas trocas de afeto.

Ao meu orientador Luciano, que foi a ponte preciosa que me trouxe a Bruna Batistelli.

À minha irmã Debi, que sabe dizer ao mundo que afeto e carinho não estão no DNA, somos irmãs de coração, o laço mais forte que alguém pode ter.

Ao meu filho Gui, que sempre foi um companheiro, e o tempo todo eu sinto orgulho desse guri.

À minha filha Flávia, por me convidar a brincar e voltar a ver a vida com os olhos de criança novamente, e que desde pequenininha precisou aprender a dividir a mamãe com horas de estudos.

Ao meu companheiro João Pedro, que sempre apostou em mim, que fica feliz com cada etapa vencida, que nunca soltou a minha mão, que foi o porto seguro onde eu pude descansar e pude celebrar também.

À Oxum, que me dá colo, me cobre com seu manto sagrado e me faz vencer. Ora yê yê ô!

Às novas amizades no trilhar da minha jornada, que vieram para somar e transbordar comigo a vida: Cris, Juliana, Karina, Doug, Maíra, Neca, Rosi, João, Nico, Luizinho, Ludi e Henrique, vocês aquecem meu coração por existirem.

## Resumo

Este trabalho é sobre o sonho de uma sala de aula em que tenha o amor como fio condutor de práticas pedagógicas. Usarei a metodologia do encontro, narrando-os a partir de histórias pessoais que se passam nos lugares pelos quais pisei: na escola, na universidade, no terreiro. Através de minhas memórias, fui oferecendo pistas sobre como o amor me trouxe até aqui, e apontar que ele, e somente ele, pode mudar as amarras que temos em nossa sociedade masculina, branca e cisheterossexual. Para tanto, me encontro com bell hooks e o conceito dela de amor e os ensinamentos dela que recolho para pensar o trabalho docente. Definir o amor como aquilo que ele faz, como um gesto de responsabilidade como nos convida bell hooks, me ajuda a convidar outras/os a fazerem parte dessa rede de amor, porque a cura e o amor só acontecem em comunhão e através da escolha em amar.

Palavras-chaves: Sala de aula amorosa; espiritualidade; ancestralidade; bell hooks.

## Sumário

Agô ( introdução) .....	10
Metodologia- sobre um modo de contar minhas memórias .....	22
Sempre gostei de ir para à escola.....	28
A maternidade e a educação, o que uma tem a VER com a outra....	34
O encontro com minha Yabá.....	38
A Professora.....	45
Considerações finais .....	51
Posfácio .....	53
Referências.....	58



**Agô<sup>1</sup>**

a todas as pessoas  
que tem correntezas vorazes  
se lançando dentro do peito  
lembrem-se  
estamos em constante movimento.

Ryane Leão (2019)

Esta escrita é uma contação de histórias, que eu escrevo/converso comigo mesma e contigo querida/o leitora/or, para erguer a voz, dizendo as coisas no papel ( bell hooks<sup>2</sup>, 2019, p. 24). Esse registro trata sobre como a minha resiliência se construiu, e por onde meu corpo-lar esteve, e é a partir deste corpo que farei a minha docência. A história de mundo que conto em uma sala de aula, será essa cheia de cicatrizes que preciso proteger através da escrita, para que eu saiba de onde vim, e para onde eu quero ir, trazendo luz para as minhas memórias e permitindo que outras histórias possam ser contadas e não esquecidas; Luciana e Bruna vão dizer no texto *Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana*

---

<sup>1</sup> **Pedido de licença, de passagem em Iorubá.**

<sup>2</sup> Ao longo do texto usarei a grafia em minúsculo, pois respeita a escrita escolhida pela própria autora, para romper com as convenções linguísticas e acadêmicas.

“Corpos diversos e pluriversos, que precisam ser defendidos e protegidos a cada instante, pois encontram-se sempre à beira do risco - do silenciamento, apagamento e tantas outras violências.” Ou seja, contar nossas histórias nos registra neste espaço/tempo.

Pra descrever minha vida até aqui, vou contar com a inteligência e a coragem de mulheres negras, que me dão ferramentas, me amparam e me encorajam pra fazer um texto feminista, com amor e científico. O amor, esse que nunca me deixou, e acreditando que a maneira mais eficaz de colocar amor no mundo é sendo uma professora. Mas a sala de aula no Brasil não é tarefa fácil; não temos incentivo para escolher a profissão de professora, o salário não condiz com a sobrecarga de trabalho que temos, ter que escolher entre ter um final de semana com a família ou corrigir provas não é uma troca justa. Diante de tudo isso ainda existe um sonho dentro de mim, e de ti também, eu sei, e precisamos olhar para a base e começar de onde estamos, com o que temos.

Então senti que precisava encontrar na fé e na terapia as ferramentas necessárias, para ser possível ser uma professora amorosa e colocar limites saudáveis entre mim e o que eu estou me propondo a fazer. Vi que precisava dos ensinamentos da minha Mãe de cabeça, minha guia espiritual, a Mãe Oxum. Vou utilizar a palavra Mãe no maiúsculo, pois me atravessa de diversas maneiras, como a cura em relação às minhas Mães

carnais e o renascimento com a Mãe Oxum, então o grau de importância merece o destaque da letra maiúscula.

Desde quando iniciei este trabalho, as mãos que não me soltaram foram de mulheres, tanto as terrenas, quanto as espirituais. Fico emocionada em escrever, pois me mostra não só a potência de cada uma, mas a minha própria potência diante da escrita. É preciso coragem para escrever, porque dá medo: “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”( Anzaldúa, 1981, p. 6). Minhas histórias se passam na Universidade, durante a maternidade, dentro do Terreiro e na sala de aula, te convido para entrar e seguirmos juntas/os.

No início da escrita, achei que seria algo muito fácil versar sobre o amor, porque me vejo como uma pessoa amorosa, que respeita o tempo das existências e principalmente seria pitoresco revelar as histórias que me constituem, os lugares onde eu aprendi o amor. Por mais que eu soubesse que o amor não é só um simples sentimento, me peguei pensando o quanto a frase “eu te amo” pode ser superficial. Ficou nítido para mim essa superficialidade quando eu escutei um comentário sobre o meu trabalho: “ muito água com açúcar falar de amor”, se referindo que para problemas mais sérios, eu estaria maquiando as soluções com o amor; mas em quais definições sobre o amor as pessoas estão se baseando? Aposto que são aquelas que encontramos em uma busca rápida no Google, onde é

possível encontrar "forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais".

Quando eu falo sobre qual será o tema do meu trabalho de conclusão de curso, esse causa estranheza nas pessoas. Falei para uma amiga que também é da biologia, que eu falaria sobre o amor em sala de aula, e ela me disse que não era científico, e que talvez a minha metodologia não seria aceita. Mande para outra amiga ler o projeto, já que ela tinha ficado muito interessada. Quando nos encontramos ela falou que no começo da leitura, achou que eu tinha enviado o documento errado, que aquele texto não tinha "cara" de um TCC. Esses comentários vêm de lugares, que são de amizade, não sei se é esse o motivo, mas por muitos momentos ponho em dúvida meu trabalho. De novo volto para o lugar de não pertencimento ao mundo acadêmico, e logo já me retiro desse lugar, salva graças à terapia e ao axé de Oxum. O que vale a pena fazer, mesmo que eu fracasse? É nisso que penso quando ouço algumas palavras desmotivadoras, e encontro algumas respostas com a Gloria: "As escolas que frequentamos, ou que não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia"(Anzaldúa,1980, p. 01).

Para falar sobre o amor precisamos de uma definição, afirma bell hooks (2021). E a definição que seguirei nesta narrativa é a que faz sentido na minha vida "amor é muito mais que uma afeição profunda por uma

pessoa” (p.47). Ela baseia sua definição de amor nas palavras do psiquiatra M. Scoot Peck, que diz “ a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa”, e define que “para amar verdadeiramente devemos misturar vários ingredientes - carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança-” hooks ( 2021, p. 47). Tive consciência em falar sobre esse tema, não porque o amor sempre esteve comigo, mas como disse bell hooks foi sua ausência que me fez ter motivação para tecer este trabalho e compreender que o amor é uma necessidade. “Quem me dera pudesse dizer que atingi essa consciência por causa do amor que sentia. Foi sua falta, no entanto, que me fez saber o quanto ele é importante” (hooks, 2021, p. 25).

Estou bem decidida a falar e viver o amor como tema central da minha vida, continuei e continuo com a minha escrita, e encontrei pelo caminho pessoas que também souberam enxergar a importância do meu tema. Outro dia fui na oftalmologista e comentei que precisava trocar os óculos, pois estava escrevendo meu TCC. Ela gentilmente me perguntou sobre qual seria minha pesquisa e eu falei “ Estou escrevendo sobre o amor e como ele reflete no ensino-aprendizagem dos estudantes, na verdade eu quero fazer um convite para as professoras e professores, colocarem seus corpos inteiros, cabeça e coração, usando o amor como norteador deste processo de se tornar professora/o quando em sala de aula, só assim conseguiremos alcançar alguma justiça social, através do amor”. Ela ficou

tão encantada que falou que se colocar sobre a ética do amor deveria vir em primeiro lugar para todas as profissões, incluindo aqui, e apontou para o seu consultório.

Outro relato vem de bem pertinho, uma amiga que acabou de se graduar em pedagogia; é uma amizade bem recente, conheci ela no meu trabalho com AEE, em 2021. Quando eu falei sobre a minha pesquisa, e como eu pensava a sala de aula, ela encheu os olhos de lágrimas, e falou com muita admiração por mim e pelo meu trabalho, no quanto é um norteador da prática dela, até brincamos que iremos construir a nossa escola cheia de práticas amorosas. E bem antes desse trabalho ser construído ainda, quando ele era apenas um projeto, um colega da disciplina de projeto do TCC, relatou nas nossas reuniões que usou as minhas falas sobre afeto e amor, na construção das aulas que ele fez e que isso o fez pensar na amorosidade em sala e sobre conexão entre os sujeitos. E pensando ainda nas palavras que eu dizia, nessas reuniões eu falava sobre uma sala de aula amorosa com demonstrações de afetos, risadas, bagunça e confusão.

Outro dia uma aluna veio me contar porque ela tinha faltado a aula anterior, o motivo era um passeio ao sítio da família, onde ela cuidou da galinha com seus os pintinhos, colheu laranja e mexeu na terra com minhocas. A empolgação em falar sobre as minhocas é porque nessa semana em questão, tínhamos montado um minhocário. Essa aluna em específico gosta de conversar com adultos, não faz muitas amizades com as

colegas, muito menos com os meninos. Então eu ofereço atenção plena para ela, para que ela saiba o quanto ela importa, olhos nos olhos. Paro o que estou fazendo, e escuto ela com meu corpo todo. Adivinha o que acontece com o restante da turma enquanto estou dando atenção para a colega? A sala vira uma bagunça só, e eu não me importo, porque este trabalho é sobre o sonho de um projeto de escola que não controla corpos, é sobre o direito da professora à bagunça, do qual eu acredito. “Ao contrário da ideia de que o amor na sala de aula faz professores ficarem menos objetivos, quando ensinamos com amor, somos mais capazes de atender às questões específicas de cada indivíduo” (hooks, 2021, p.240).

Em cada gesto da minha vida, das minhas relações, do meu autoconhecimento, eu sinto um calor imenso me invadindo. Em cada aula que dou, sinto que estou fazendo algo por alguém e como professora de Biologia também estou fazendo algo pelo nosso planeta, sei que isso é amor e eu preciso falar sobre ele.

O brilho nos olhos e o calor no coração eu senti forte quando estava em uma aula, sobre plantas, numa turma de 5º ano<sup>3</sup>, do colégio de Aplicação da UFRGS. A empolgação já iniciou no planejamento de como essa aula seria dada, pensando no que eu precisaria levar para os meus alunos a fim de despertar a curiosidade e o entusiasmo. Preparei alguns slides com bastante imagens, e peguei folhas de pitangueira, para que eles observassem

---

<sup>3</sup> Aula aplicada durante o PIBID.

na lupa antes de macerar e sentissem o cheiro exalando, o óleo essencial da pitangueira. No colégio de Aplicação, eles possuem lupa, mas a folha da pitangueira não precisa de grandes recursos tecnológicos para apreciar suas gotículas de óleos: basta colocar a folha contra luz, e ver os tantos pontinhos mais claros, que são os óleos. Para essa mesma aula, consegui também, com a professora de sistemática vegetal da graduação, uma amostra da alface-do-mar (*Ulva lactuca*), que é uma boa espécie para visualizar as paredes de uma célula vegetal; é lindo de ver. Falei também que podemos encontrar com facilidade a alface-do-mar em Torres, uma cidade localizada no litoral norte do RS, e como essa planta é um ótimo indicativo da qualidade do meio ambiente. Mas eu estava reservando a melhor parte para o final, iria levá-los a horta do colégio, um lugar incrível, onde o cuidador do espaço faz um trabalho minucioso com as espécies cultivadas no terreno. Era tanta coisa pra mostrar, para ensinar; precisamos conhecer para amar, e amar para preservar era só nisso que eu pensava.

Uma frase da Viviane Mosé ficou muito gravada na minha cabeça, ela disse “Não existe professor de matemática, de filosofia ou outra disciplina, isso é só uma desculpa, existe é professor de aluno”. Eu amei essa definição, e pra mim eu não poderia ter escolhido a melhor desculpa, ser uma professora de Biologia. Nós podemos falar de tantas coisas bonitas, de tantas formas de vida, de como as espécies evoluíram através do altruísmo. Porém não é só sobre coisas lindas que uma professora de biologia vai falar ,será preciso

tratar de assuntos metalizados , que são difíceis de engolir, como é o caso da homofobia. Então eu retomo aqui aquele comentário dito antes: falar de amor não é água com açúcar, porque falar sobre assuntos duros, mas de um jeito respeitoso e amoroso é o amor em ação para mudar as coisas do mundo. Quando chego ao 8º ano e dou início aos assuntos sobre gênero e sexualidade, a homofobia é um tema que atravessa esse conteúdo. Ou quando abordo o tema da genética no ensino médio, e vou dar uma aula sobre a origem da espécie humana em África, e falar como os genes funcionam para a cor da pele, é um compromisso dizer que o racismo é fenotípico, compromisso esse que é um dos ingredientes das definições de amor da bell hooks. Falar sobre cor e África também é localizar a minha religião de matriz africana dentro do espaço acadêmico e hegemônico. Meu senso de justiça aflora, quando escuto no noticiário que “ Jovem é morta,<sup>4</sup> porque era uma moça/trans de 16 anos”, isso me fere, sinto raiva e depois vem a tristeza: que mundo é esse? Eu me pergunto. Mas isso não me paralisa, e estudo cada vez mais sobre gênero e sexualidade, me atualizo sobre a sigla da comunidade LGBTQIA+, já que reconheço que informação e conhecimento são uma parte importante do amor.

O amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo. Comecei a pensar sobre a relação entre o amor e a luta para acabar com a dominação em

---

4

<https://sidneysilva.com.br/adolescente-trans-de-serra-negra-do-norte-rn-e-encontrada-morta-no-ser-tao-da-paraiba/>

um esforço para compreender os elementos que construíram movimentos bem-sucedidos por justiça social no mundo. bell hooks (2021, p.239)

Percebi que não é fácil falar de amor, mexe, dói, e muitas vezes lendo *Tudo Sobre o amor*, da bell hooks, tive dúvida sobre o amor e como eu o encontrei, porque fui me dando conta das cenas da minha vida em que era para ter amor e não teve, uma visão equivocada minha achar que amor não dói, pois “ Falsas noções sobre o amor nos ensinam que ele é o lugar onde não sentiremos dor, onde estaremos constantemente em êxtase” hooks (2020, p. 191). Falar de amor, é alimentar um mundo, onde a imaginação para uma outra sociedade possível se efetue, um projeto de mundo para pessoas negras. bell hooks vai dizer nesse mesmo livro que o amor não é dado, que é preciso ser praticado em ações “ O amor é, o que o amor faz. amar é um ato de vontade. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”( 2020, p.47). Mesmo que eu tenha um passado cheio de negligências e tenha sentido na alma as injustiças sociais pelas quais eu quero lutar , eu escolho amar.

Mas para continuar a falar sobre o amor, preciso falar sobre os estereótipos de gênero. Eu fiquei com receio em falar sobre amor, por ser uma mulher. Nas escolas, o corpo docente é formado em sua maioria por mulheres; o magistério é majoritariamente feminino, e como afirma hooks (2021), a nossa cultura induz que as mulheres falem sobre o amor, que pratiquem o

amor, e homens apenas o recebam. Eu não queria reforçar esse lugar, o estereótipo da mulher, mas como mudar essa realidade? Se a luta contra as opressões e a vivência do amor são para todos, e todo mundo deveria viver isso, então o amor precisa ser definido.

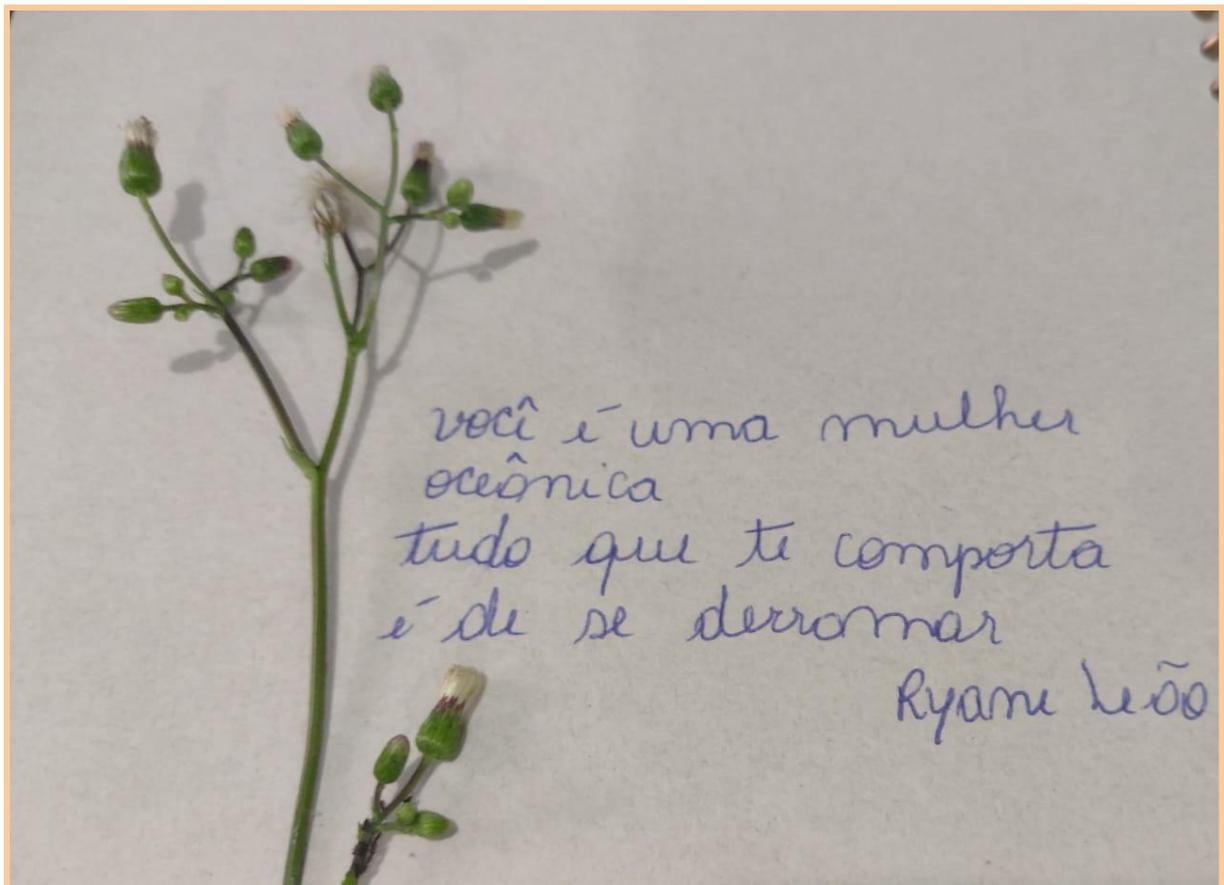
Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. bell hooks (2021, p. 55)

O amor não é dado, ele é uma escolha, e tão pouco é um privilégio feminino, aliás, eu diria que o amor legitimamente é não-binário. Eu fiquei surpresa quando hooks escreveu que as obras sobre o amor são escritas a maioria por homens “ Ainda que eles teorizem sobre o amor , são as mulheres que o praticam com mais frequência” (2021, p.34).

Falar sobre os estereótipos de gênero é falar sobre quem se beneficia com isso: o patriarcado fere as possibilidades de uma vida amorosa. “Poucos escritores, sejam homens ou mulheres, falam do impacto do patriarcado, e da forma como a dominação masculina sobre mulheres e crianças é uma barreira para o amor” (hooks, 2021, p.38). Se queremos uma sociedade mais amorosa, precisamos saber de onde vem esse desamor, acabar com o machismo e o patriarcado é um passo em direção ao amor.

Convivendo com crianças do sétimo ano, onde a idade varia de doze a treze anos, pude fazer observações sobre as demonstrações de afeto entre os meninos, percebi que naquela turma específica, havia uma troca de

carinho, abraços, beijos e também palavras carinhosas entre eles, mas conforme os meses foram passando, a relação de alguns meninos foi se modificando. Presenciei diversas vezes as meninas formarem grupose estarem pressionando os meninos a “ficar com tal menina”. Certa vez em uma brincadeira que era para a turma responder a chamada falando quem dá “match” com quem, a turma falou que o match de um dos alunos seria com a tal colega, mas não seria possível acontecer o envolvimento, porque todos já sabiam que ele gostava do colega que estava sentado ao seu lado. Desde esse dia, eu nunca mais presenciei a troca de afeto entre os dois meninos, e sim uma aproximação do menino e da menina em questão. Nas semanas seguintes, o menino teve crises de choro, faltou algumas aulas, e quando retornou, era mais quieto que de costume. Infelizmente os papéis de gênero a serem seguidos não dão espaço para a diversidade sexual que existe na nossa espécie. “Ainda que tantos meninos sejam ensinados a se comportarem como se o amor não importasse, em seus corações, anseiam por ele... Ao abraçarem o patriarcado, precisam abandonar ativamente o desejo de amar” (hooks (2021, p. 82).



### **Metodologia- sobre um modo de contar minhas memórias**

Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula (hooks, 2020, p. 89).

Fico com medo de estar mostrando toda a minha vulnerabilidade, mas também são essas cicatrizes que anseiam por um mundo com amor que trate bem o coração das pessoas, porque não se sabe o que se passa dentro de cada um. Mostrando tudo o que sou, minha inteireza, seguirei a metodologia do encontro e da escrita de histórias, inspirada por Paula

Gonzaga que em sua tese de doutorado diz: “essa investigação é um processo abebénico de olhar para o reflexo de um espelho no outro e ver a mim mesma, às muitas que me antecederam e me sucederam, escutar nas suas vozes o eco da minha e de muitas histórias” (2019, p. 38). O abebé dourado é uma ferramenta de Oxum, um espelho, onde ela se enxerga primeiro e este espelho não cultua apenas sua beleza refletida, e sim sua sabedoria, a grandeza de Oxum. O abebé não reflete o meu rosto, ele reflete quem sou. Dentro desse encontro tecerei uma rede de saberes, para fazer uma autorreflexão, enquanto vou aprendendo com os livros *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática* (2020), *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), e *Tudo sobre o amor; novas perspectivas* (2021) da autora bell hooks. Esses aprendizados entrelaço com as histórias ancestrais de Oxum dentro da Umbanda que me constitui como um ser com mente, corpo e espírito, e tantas outras mulheres que me ajudaram a me constituir como professora, como enfatiza Paula, nos agradecimentos de sua tese “mulheres são como água, crescemos quando nos juntamos”. Esta construção se dará através da contação de minhas memórias, em cenas sobre minha criação, experiências com a maternidade, como aluna na escola, como aluna na universidade e como professora de estudantes típicos e atípicos em um colégio de Porto Alegre. Vou usar os documentos (livros, artigos e outras produções) para apresentar cenas da minha memória; utilizando as autoras

referenciais (principalmente bell hooks) para dialogarem com essa experiência. Com as minhas histórias quero mostrar como o amor está envolvido, como aprendi/aprendo sobre ele e como a minha docência vai se construindo de forma amorosa, é um encontro com leitora/es com a intenção de produzir reflexo, assim como o espelho de Oxum.

Preciso situar quem sou e de onde eu escrevo, sou mulher bissexual, Mãe de dois filhos, falo do terceiro mundo, vinda da cidade de Viamão, hoje resido na Bom Jesus em Porto Alegre, estudante cotista na UFRGS, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita (Anzaldúa, 1981, p. 1) e negra de pele clara.

A afirmação de minha negritude veio de um percurso difícil, como é frequente para tantas mulheres negras e homens negros em um país sustentado sobre o racismo estrutural, agarrado à manutenção da supremacia branca (Rodrigues, 2022, p.2).

Vou falar também sobre a minha Mãezinha Oxum, ela que é a divindade da sabedoria e do amor, é a minha Mãe, me encontro tão conectada com ela, porque em cada ação que o amor está, eu penso que só pode ser Oxum agindo. Pensando sobre a pedagogia engajada, bell hooks (2017) nos diz “como professores podemos criar um clima ideal para o aprendizado se compreendermos o nível de consciência e inteligência emocional dentro da sala de aula” (2017). Meu jeito de ver as coisas sempre acreditando no melhor de cada situação, é fruto da minha iniciação na religião e do meu

tratamento terapêutico, e isso significa o axé de Oxum na minha vida, o efeito do abebé.

Não consigo separar meu ser docente, da minha vida pessoal e da minha vivência como uma filha de santo, traduzindo para mim mesma, que o pessoal é político e minha experiência é parte do meu saber. Essa compreensão do estado emocional da sala de aula, eu como uma iniciada no Terreiro também presencio a Mãe Carol ter com os filhos, e quando ela me olha nos olhos, e diz “ como eu posso te ajudar, filha” é o que acalenta e conforta o meu coração, falar cura.

Cada texto que leio sobre o contar histórias, sobre como narrar as nossas histórias ajuda outras pessoas com as suas histórias e como aceitá-las amorosamente (Munduruku, 2009; hooks, 2020), isso me motiva a continuar a contar as minhas próprias histórias, sabendo que elas importam Anzaldúa (1981).

As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia (p. 01).

bell hooks fala também que contar histórias é uma forma de dar início ao processo de construção de comunidades de aprendizagem, o que conecta como vivo a sala de aula e essa experiência de escrita.

A Bruna, outra mulher que me escolheu e me acolheu com todo o seu conhecimento, lucidez e amorosidade, disse isso o tempo todo em que me orientou neste trabalho, e eu sempre confiei nela. Eu sou uma professora de Biologia, mas também sou auxiliar de desenvolvimento do AEE, e sabe de uma coisa? Eu adoro contar histórias do nosso mundo e com elas mudar as coisas. Sabe aquela aula sobre educação ambiental? Eu amo dizer que os ermitões são crustáceos que dependem de conchas de moluscos para viver, uma espécie depende da outra, e que se formos para a praia não devemos trazer nada de lá, além de lembranças e fotos. Eu me empolgo e falo tanto, com tanto amor que chego a suar (risos), tem história sobre os motivos que suamos também (risos). Suamos, pois somos endotérmicos, o famoso “animais de sangue quente”, porque quando nosso corpo precisa se resfriar mais rapidamente, o suor que sai da nossa pele traz uma refrescância e manda embora o excesso de calor interno, mantendo os ideais 36,5 ° C. Mas nesse caso eu sudo porque o coração acelera e o corpo libera endorfina, suor emocional, eu diria.

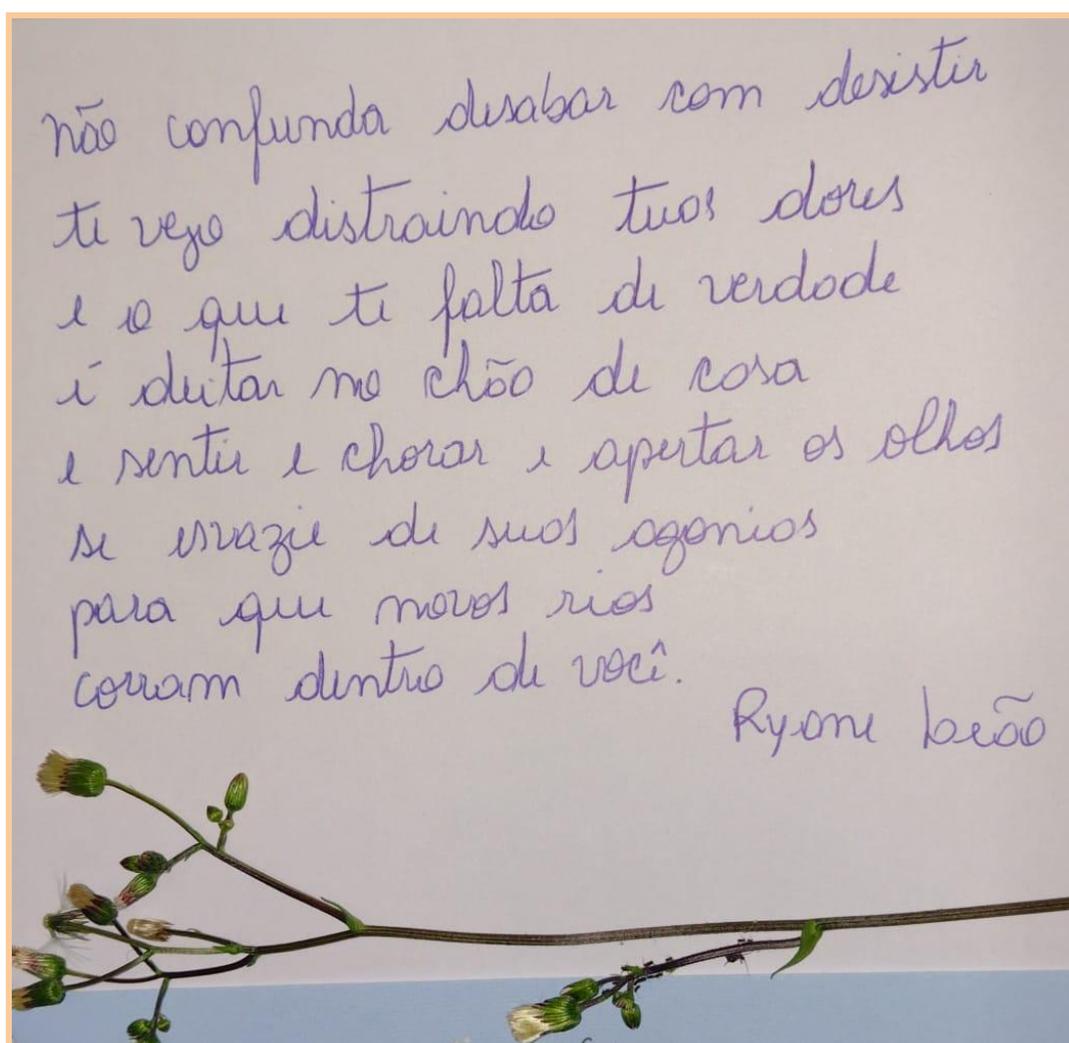
Pois é, na biologia tem várias maneiras de fazer uma educação antirracista também, uma delas é falar sobre evolução. Nessa disciplina vemos que muitas espécies, não se extinguíram justamente por causa da cooperação e do altruísmo. Quando leio a Paula são estas palavras que encontro “ A necessidade de cooperação foi essencial para garantir a sobrevivência do nosso povo”. Ela menciona ainda isso quando fala sobre o tempo sombrio

do tráfico de pessoas que aconteceu da África para o Brasil. Em termos de mudanças evolutivas, podemos sim falar sobre a sobrevivência do povo africano fora de África quando foram traficados, não posso deixar de pensar sobre isso em minhas aulas. Aliás, sabia que não existe raça quando se trata da espécie humana? Eu adoro falar sobre isso em genética, o que existe é ancestralidade, que diz respeito ao ponto de origem geográfica dos nossos antepassados nesse mundo cheio de diversidade. A genética é sempre um bom momento para falar do quanto a ciência contribuiu com o racismo que ainda é praticado, como os estudos de histologia que tiveram grandes contribuições de práticas racistas, como as células de linhagem HeLa, células imortais usadas em pesquisas científicas, mas que foram retiradas sem consentimento da paciente Henrietta Lacks, uma mulher negra estadunidense.

Quando eu estava lendo a tese da Paula, para me embasar um pouco mais sobre a Oxum, porque não achei que eu poderia falar dessa entidade, aliás pensei que não poderia falar sobre a religião, porque sou uma recém iniciada, uma perguntadeira. Sou aluna criança, assim que eu me sinto, sabe as crianças que ainda não foram podadas, aquelas crianças que podem perguntar e que serão respondidas? Qual é o tempo da pergunta? Bom, sou respondida porque minha Mãe de santo tem o prazer de ensinar e de responder, e não seria eu, essa pessoa na sala de aula? Pronta pra responder

com brilho nos olhos e a vontade de espalhar conhecimento e ciência a partir deste lugar que eu falo.

É aqui que encontro mais um ensinamento, o do aprender com aquelas que sabem mais, com aquelas que vieram antes de mim, e desse lugar do observar e aprender, eu posso falar. E são com as histórias, muitas delas, sobre diferentes assuntos e diferentes relações que faço esse trabalho de conclusão de curso. Peço que me acompanhe e acolha minhas histórias e as tuas também.



não confunda desabar com desistir  
te vejo distraído tuas dores  
e o que te falta de verdade  
é deitar no chão de rosa  
e sentir e chorar e apertar os olhos  
se vazie de seus segredos  
para que novos rios  
corram dentro de você.

Ryome Iacão

## **Sempre gostei de ir para à escola...**

Eu fui uma criança faceira por fora, precisava parecer amável para que as pessoas não desistissem de mim, assim como a minha mãe biológica desistiu; a minha mãe do coração ficou comigo quando eu já tinha dois anos de idade. Quando iniciei a minha vida escolar, enxerguei naquele espaço um ponto de proteção, uma fuga da minha vida, pois dois anos antes de ingressar no colégio, quando eu tinha 5 anos, fui abusada pelo irmão da minha Mãe de criação. O cuidado existiu, mas onde há abuso, não há amor. “Nós aprendemos sobre o amor na infância, seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor” (hooks, 2021, p. 59). Não era a primeira vez que eu conhecia o abandono, esse sentimento já fazia parte de mim e eu nem lembro quando ele chegou, quando esse fato aconteceu. Além dos sentimentos conhecidos, senti o gosto do desamor, achava que não era digna de ser amada por alguém, mas no colégio conheci adultos que demonstraram carinho e também anteparo, como o tio do portão, as tias da cozinha, as tias da limpeza e as professoras da primeira série. Elas, as “sororas”, que ficavam juntas na hora do lanche e as turmas se misturavam. Confesso que eu gostava mais da professora da turma ao lado, mas ainda assim, as lembranças geram sentimentos bons dentro de mim e isso fala

sobre a responsabilidade que o amor e a docência trazem para o crescimento das pessoas envolvidas.

O amor cura. Quando fomos feridos nos espaços onde deveríamos conhecer o amor, é difícil imaginar que o amor tenha realmente poder de mudar tudo. Não importa o que tenha acontecido em nosso passado: quando abrimos nosso coração para o amor, podemos viver, como se tivéssemos nascido de novo, sem esquecer o passado, mas vendo-o de uma forma nova (hooks,2021,p.237).

Em minhas memórias dos primeiros anos na escola, lembro quando a professora chamou minha mãe para ir ao colégio. Minha Mãe nunca ia, a professora conhecia todos os outros pais, menos os meus e para surpresa da minha Mãe, a professora fez muitos elogios, porque ela, minha Mãe, estava achando que a professora iria falar sobre alguma “arte” que eu tinha aprontado, mas foi para falar o quanto eu era uma boa aluna. Depois deste dia, pude ter a oportunidade de ver orgulho na minha Mãe, quando ela comentava para outras pessoas sobre o meu desempenho escolar, eu me sentia feliz,viva e amada. Depois percebi que essa ida à escola só serviu para minha Mãe justificar que eu era uma boa aluna e por isso não precisava se preocupar, então ela nunca mais pisou no meu colégio. Mas o que significa chamar a família na escola, nem sempre é algo positivo, mesmo que família e escola devam andar de mãos dadas, ainda assim, costuma ser uma ação de controle e culpabilização dos estudantes. Por isso o colégio

(professoras/es, coordenação, orientação, etc) precisa estar atento aos estudantes e às suas necessidades.

Já o ensino médio foi um desafio, pois é o período da adolescência, das descobertas, época de se colocar no mundo de uma forma nossa, da convicção de nossas ideias e ideais, de ter orgulho dos gostos musicais e inventar o dialeto próprio dos adolescentes. Mas a minha adolescência foi interrompida, eu fui Mãe com 16 anos, então somei mais desafios ao período. Senti vergonha por estar grávida com 16 anos e mudei de escola. Na escola antiga estudava de manhã, já no colégio novo fui para o noturno, onde as pessoas são mais velhas, e muitas com filhos também, talvez eu passasse despercebida e ninguém visse que a minha barriga crescia muito a cada semana. Além disso, o meu responsável, que não era meu pai, falou sobre eu ir me acostumando com a ideia de trabalhar durante o dia e estudar à noite.

O ambiente escolar sempre me causou muita nostalgia, o aprender como o mundo funciona e ouvir as diferentes perspectivas da história deste planeta, porque cada área do conhecimento tem seu jeito de fazer a fofoca, tudo me fascina, e na maior parte do tempo, eu estava de bem com a vida, fui recebida super bem pelas professoras e professores. Lembro do quanto foram dedicadas/os e empenhadas/os para que eu progredisse e não desistisse dos meus estudos. Fui boa aluna no ensino básico, isso quer dizer admirar muito o trabalho docente, prestar atenção na aula, tanto para

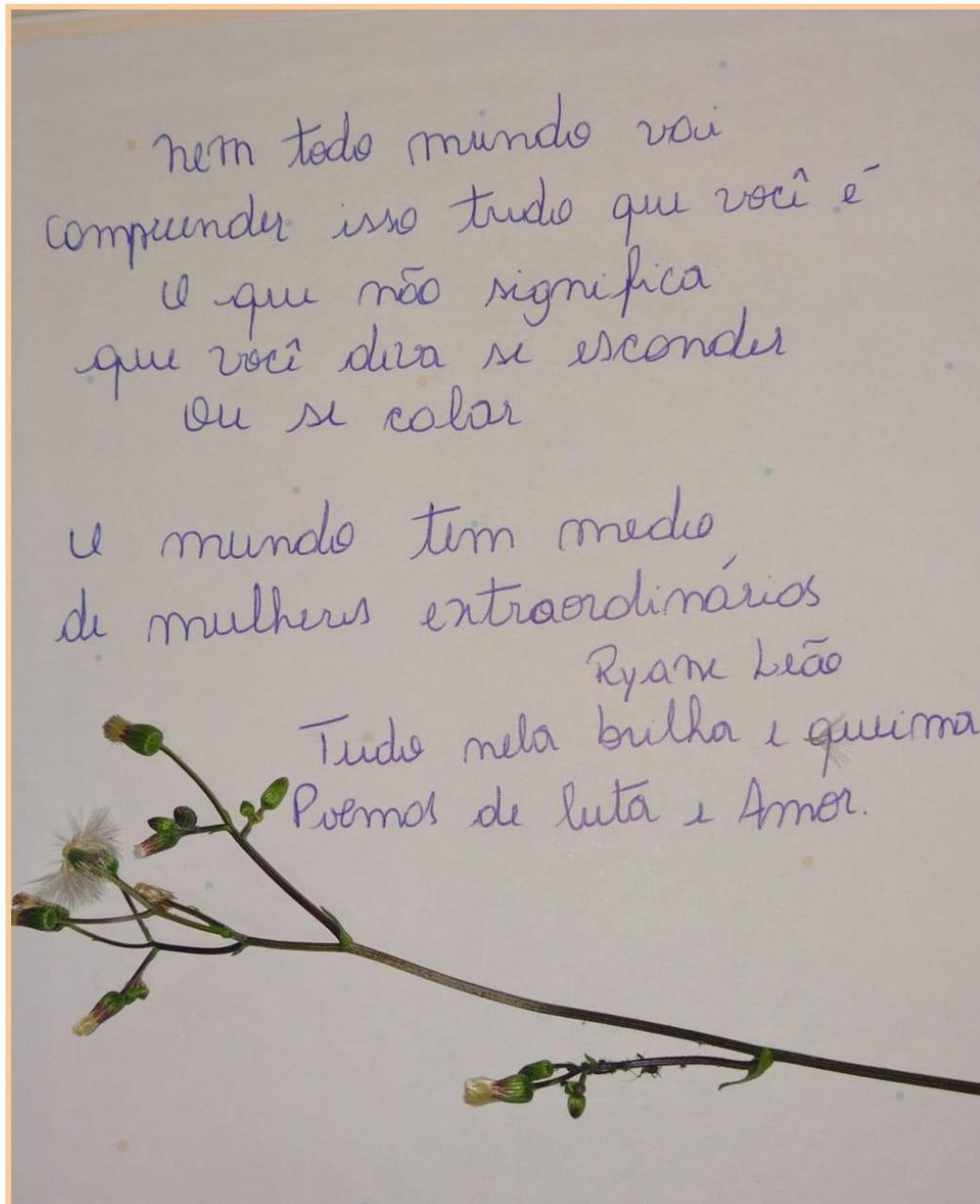
aprender, como também respeitar aquele ser humano que está ali, contando histórias de algo e a biologia já me fascinava. A escola é lugar de protagonismo, diversas vezes eu fui eleita a líder da turma, sabia conversar com os colegas e com as/os professoras/es; eu tinha um lugar de destaque, me descobri bem comunicativa, o autoconhecimento de Oxum sempre presente.

Lembro que eu estava no último ano do ensino médio, e aguardava o conselho de classe acabar. Sabia que a minha situação com as exatas não era nada animadora - matemática, física e química -fui mal em todas essas disciplinas, não sei bem onde eu me perdi, mas tive que fazer as pazes com elas quando entrei na UFRGS. Quando a professora de português saiu da sala onde ocorria o conselho e me falou sobre ter lutado muito por mim, e que quando o professor de química também pensou que seria melhor eu avançar por ser Mãe e por todas as dificuldades que envolviam a minha situação, como precisar de no mínimo o ensino médio completo para conseguir um emprego, todos aceitaram a minha não reprovação.

O amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado, que acolhe e empodera todo mundo. Comecei a pensar sobre a relação entre o amor e a luta para acabar com a dominação, em um esforço para compreender os elementos que constituíram movimentos bem sucedidos por justiça social no mundo (hooks, 2020, p. 239).

Aqui decidi que queria ser essa pessoa também, que estende a mão, que luta por uma educação justa e acolhedora, que enxerga a aluna como um

ser humano e não apenas um depósito de conteúdos e que permite se emocionar, sentir e demonstrar amor.



## **A maternidade e a educação, o que uma tem a VER com a outra...**

Mãe, faz de três ingredientes uma refeição. De um espacinho apertado, desconfortável, uma cama de hotel. De um beijinho ela faz analgésico, anti-inflamatório e antibiótico. Do abraço, pronto socorro das emoções. Do colo, refúgio das dores do corpo e da alma. Mãe, pedacinho do amor de Deus, na Terra. Aquela que faz uma pequena quantidade de qualquer coisa, algo maravilhoso.<sup>5</sup>

Não quero romantizar as coisas, nem deixar pesado, mas não acho muito legal a maternidade. Eu fui Mãe solo do meu primeiro filho, ele já é um homem de 20 anos, e quando olho para os desenhos de quando ele era pequeno, me sinto feliz em ser a Mãe do Gui e ter vivido aquele desenho, aquela fase com ele. A solidão materna é muito difícil de lidar, muitas vezes tu continua casada e a solidão tá ali se fazendo presente: na madrugada, embalando um bebê. Nos dias de levar ao pediatra, nas noites que a febre insiste em ficar, na entrega da criança na escolinha, e aqueles bracinhos pequenos se grudam nas tuas pernas, então tu sai com dor no coração, e sente a solidão, sem conseguir dividir essa angústia e a culpa por se sentir uma péssima Mãe, essa que precisa trabalhar. O machismo estrutural nos prega essas maldades. E a culpa maior vem quando tu passa por um barzinho e fica louca para sentar e contemplar a vida, mas logo lembra que tem uma pessoinha te esperando ansiosamente, e tu sorri, por que também quer dar aquele abraço e sentir o teu coração encostar no

---

<sup>5</sup> @maternidade é um perfil na rede social instagram criado pela escritora e Mãe Rafaela Carvalho, falando com carinho sobre a realidade da maternidade.

dela. De onde veio o mito que a Mãe tem que ser boa em tudo, e fazer tudo correndo porque tem sempre um incêndio a ser apagado por ti, e só por ti. Tu leitora, conhece esses sentimentos?

Ser Mãe aos 16 anos é algo que não deveria acontecer com nenhuma menina. Aprender a viver e ser responsável por outra vida precisa de amadurecimento, e amadurecer na marra é algo que deixa marcas muito profundas, principalmente, quando não sabemos que o que estamos vivendo é algo abusivo. Só fui me dar conta do tipo de relacionamento que tinha quando tive coragem pra sair dele. Vi que eu não tinha mais amigos, tinha me afastado de toda a minha família, comecei a depreciar meu corpo. Ele dizia que eu estava horrível, que ninguém iria me querer, que a única pessoa no mundo que ainda ficava comigo era ele; dia-a-dia fui murchando e me desvalorizando, até o dia que eu descobri as diversas traições e consegui me livrar de algo tão ruim.

E se tem um motivador para eu ter seguido em frente foi o Gui. E desde que ele nasceu, fui paciente para que ele aprendesse a ser também, fui corajosa para ele ser também, chorei na frente dele para ele aprender que as lágrimas existem e que meninos podem e devem chorar quando sentirem a necessidade de fazê-lo. Trabalhei muito e estudei muito, pra que nunca faltasse nada pra ele e assim também mostrar a minha força, para ele se orgulhar da Mãe que tem. Ensinei sobre se doar e sobre receber, e que quando fazemos o bem a alguém, o que sentimos, é esse bem de volta.

Com a Flávia as coisas aconteceram com muitas diferenças, a primeira é a minha idade, tive ela com 30 anos, me preparei para ter um bebê, fiz diversas leituras sobre as fases do parto, vi a trilogia de filmes “ O renascimento do parto”(2013), entendi a importância do parto natural no amadurecimento de alguns órgãos do recém-nascido, e como acontece os benefícios de um parto vaginal na saúde do bebê; e que o respeito à infância começa desde a gestação, passando pelo parto e seguindo a vida da recém chegada. Como o gestar acontece no corpo feminino, essa gestação na cabeça do novo pai demorou um pouco para acontecer. E ainda bem que as coisas mudam, e eu consegui falar sobre a importância da participação dele, nas consultas, nas ecografias, e assim ele poderia construir apaternidade dele, mesmo que não fosse ele a pessoa carregando um serzinho na barriga. Quando as contrações deram os primeiros sinais, começou a nascer um pai, eu pude ver ele se emocionar e chorar quando a filha dele veio ao mundo; talvez o gestar seja mesmo um processo solitário.

Então o puerpério sem nem me avisar chegou; pra essa fase eu não me preparei, eu não li nada, nem sabia que tinha esse nome, então veio o tal de Baby blues<sup>6</sup>, sentia uma tristeza que eu não conseguia me livrar. Chorava muito, eu precisava de descanso , mas cada vez que eu tentava descansar e deixar a Flávia com alguém, o sentimento era que eu a estava abandonando e que ela iria gostar mais dessa pessoa que estava com ela do que mim. No

---

<sup>6</sup> Baby-blues: Momentos de tristeza e às vezes momentos intensos de ansiedade durante o puerpério.

dia em que fui na consulta com o ginecologista, desabei a chorar, e saí do consultório com uma receita de fluoxetina. Falar abertamente sobre as dores da maternidade ainda é um tabu, o sentimento é de julgamento, que não somos capazes de fazer esta tarefa, romantizam a palavra Mãe e colocam a culpa de qualquer coisa sobre os nossos ombros, e na maioria das vezes esse julgamento vem de outras mulheres. Mais aprendizado: aluna/Mãe de novo, professora/Mãe de novo . Lá estava eu aprendendo sobre disciplina positiva, que prefiro chamar de convivência amorosa. Aprendendo que gritos e palmadas não ensinam nada, a calma educa, compreendendo a validar os sentimentos da Flávia e os meus também. Foi nesse momento que me confrontei com a minha criança interior diversas vezes, tive que me maternar para a Flávia ter a Mãe de volta, a adulta da situação. A lindeza é que vivi tudo de novo: os primeiros balbucios, os primeiros passos, aquele cheirinho de neném que parece muito viciante, aqueles abraçinhos surpresa, um pedacinho de gente pela casa, dizendo que queria picoca. Eu amo meus filhos por tudo que eles me ensinam e não separo esse chão que eu piso quando caminho pela sala de aula, ele é parte fundamental de mim. Quando eu cuido e ensino com amor uma criança, também cuido indiretamente de outra Mãe. Cada vez eu busco a Flávia na escolinha, e as professoras falam que o dia foi normal, que ela se divertiu, brincou, aprendeu a pintar, desenhar e que fez novas amizades, o coração da Mãe que eu sou fica mais quentinho, porque sei que minha

filha está sendo bem cuidada, respeitada, acolhida. E também confio na educação que estou dando para ela. Os efeitos do amor não são apenas para aqueles sujeitos que estão ali na tua frente, todos se beneficiam e as Mães precisam de uma rede de apoio para deixar seres humanos melhores neste mundo, e professoras/es são partes dessa rede.

### **O encontro com minha Yabá...**

Oxum me ensina que para ir pra guerra, é preciso de autoamor e autocuidado, porque quem cuida, antes de tudo, tem que estar bem. Aos poucos vou aprendendo mais sobre a umbanda e é através da história oral que o conhecimento vai se construindo, é através da vivência dentro do Terreiro com as minhas Mães de Santo e com minhas irmã/os que me aproximo das entidades que me acompanham e assim me fortaleço. Desde criança escuto os rituais de batuque, digo batuque por causa do som, pois dentro das religiões de matriz africana, batuque está mais ligado a Nação (Orixá) que é uma religião trazida pelos negros escravizados, sofreu adaptações e hoje é considerada uma religião afrobrasileira, do que à Umbanda (Caboclo) que é uma religião brasileira marcada pelo sincretismo das religiões católica, espírita e afrobrasileiras.

Conheci alguns Terreiros durante a minha vida, o som do tambor funcionava como um verdadeiro chamado. Eu ficava fascinada com a gira, com a roda, com as canções. Sentia o coração aquecer e as lágrimas rolarem

muitas vezes com alguns <sup>7</sup> pontos, sentir a benção das entidades é algo maravilhoso, mas nunca tinha sido iniciada. Lembro de um dia me falarem que eu era filha de Oxum e Ogum, e para mim foi tão lindo, porque se meus genitores terrenos não me aceitaram como parte deles, ao menos eu tinha Mãe e Pai espirituais, então ficou tudo bem. Essa consciência só veio neste tempo aqui de escrita, que também foi o tempo de acontecer o ritual da minha iniciação dentro da casa de Xangô Ibeji e Oxum Docô, pelas mãos das Mães Deise e Mãe Carol, foi no dia 12 de agosto de 2022. Esse ritual aconteceu com uma cerimônia de lavagem da minha cabeça com ervas e a chegada dos caboclos. Como uma boa filha de Oxum, estava chorando antes mesmo de tudo começar, havia em mim o sentimento de morte e renascimento, renasci com uma Mãe que é só amor. Durante um período muito duro e dolorido na minha vida, encontrei forças em uma casa de Ogum, Ogum guerreiro; os atendimentos sempre variam de casa para casa, e lá funcionava como um posto de saúde mesmo, pegava ficha e aguardava a vez para ser atendida. Eu não conseguia lidar com a dor da separação do pai do Guilherme, meu primeiro filho, e procurava esperança com o Pai Ogum. Um dia ele me disse: “ filha, a felicidade tá aí dentro, e tu vai encontrar ela, ainda vou ver a senhora sorrir novamente”; eu me sentia confortada através daquelas palavras. Os dias iam passando, e aos poucos fui juntando meus pedaços e me refazendo em

---

<sup>7</sup> São os cânticos usados dentro do Terreiro, para louvar ou invocar uma falange espiritual.

cada passe que recebia. Outras vezes ficava sabendo de alguma festa em outro Terreiro, geralmente as datas sincréticas do catolicismo, são também comemoradas na Umbanda, como o dia de Ogum, é o mesmo que de São Jorge, o dia de Iemanjá, é o mesmo que a Nossa Senhora dos Navegantes, então lá estava eu para homenagear eles e cantar junto...

Eu tenho sete espadas pra me defender,

eu tenho Ogum em minha companhia

Ogum é meu Pai

Ogum é meu guia

Venha com Deus

e a virgem Maria

Ogum!

Ogunhê!<sup>8</sup>

Hoje, cada vez que lembro desse tempo, sinto o calor do ferro de Ogum ferver nas minhas veias, pois sei que meu Pai estava comigo. Depois que consegui me libertar da relação com o ex-marido, também acabei me afastando da religião. No bairro em que fui morar não havia muitos terreiros e os que eu conhecia ficavam muito perto do lugar que eu precisava abandonar. Quando conheci o meu companheiro atual, o João Pedro, ouvi muitas falas preconceituosas com relação a religião dos batuques. Alguns signos explicam muito, como o fato dele ser branco, morar em uma casa boa, fazer parte de uma "família tradicional brasileira"

---

<sup>8</sup>  Eu tenho 7 espadas - Ponto de Ogum/ Cavaleiro São Jorge

e se dizer católico. Mas eu sou como as águas doces de Oxum são, o rio é calmo, mas não é manso. E essa Yabá (Mãe), sabe contar caroco nas asas do tempo, porque entende as esperas.

Logo a vida foi trazendo ensinamentos para o meu companheiro, uma vez ele fez um serviço para a Deise, esse serviço durou alguns dias, então tiveram muito tempo para conversar, e eles se acharam, conversaram tanto, ao ponto da Deise falar sobre religião, e dizer que era uma Mãe de santo. Olha como são as coisas, logo ela convidou ele e o convite se estendeu para mim e para nossa filha Flávia. O convite era para participar de uma mesa de Ibeji, a mesa dos inocentes, um ritual muito bonito, onde é colocado um pano no chão e servido comidas de todos os tipos, principalmente as comidas que as crianças gostam. Sete crianças se sentam na volta e são servidas com o axé da mesa farta. Nesta cerimônia, acontece a chegada dos Orixás para orientar e depois as entidades crianças também chegam; os erês descem para participar, é muito lindo de ver. Eu adorei o convite, e me senti tão bem ali naquele terreiro, conheci as Mães de Santo, Mãe Carol de Oxum Docô e Mãe Deise de Xangô Ibeji; duas mulheres, que são companheiras de vida também, e lá estava parte da minha família vivenciando aquele momento comigo, com vários aprendizados quase como uma pílula ingerida: um terreiro de umbanda, com duas Mães lésbicas e o batuque.

Desde que decidi me iniciar dentro do terreiro, meu autoconhecimento tem me trazido coisas boas, eu não me sinto só, tenho as pomba-giras e os exús, as caboclas e caboclos e tantas outras divindades para as quais ainda estou sendo apresentada. Quando retornei para esse mundo da espiritualidade, também queria que tudo o que estava me atravessando fosse acolhido, pensei nisso diversas vezes, então faria total sentido a minha religião ser a umbanda/nação para que eu pudesse realmente me tornar uma mulher negra de pele clara, e afirmar minha negritude, pois foi através da fé que o povo negro trazido de África pode resistir. No momento que iniciei as leituras com meus referenciais teóricos, e meus olhos tiveram o privilégio de ler a tese da Paula, que falava da relação dela e de outras mulheres com os orixás, eu pude transbordar as janelas da alma, as águas dos rios de Oxum, que correm dentro de mim, foi nesse instante que minha Mãe entrou com força para me guiar neste trabalho de cura.

O candomblé transcende a ideia de religião, por implicar numa organização social que se pauta em lógicas distintas do que o projeto colonial impôs, como o individualismo. A cooperatividade é um valor que garantiu a capacidade de sobrevivência do povo negro em diversos momentos de violência extrema (Gonzaga,2019, p.151)

As palavras têm um poder muito grande, mas só quando as entendemos e para mim escutar a palavra ancestralidade era confuso. Em todos os escritos sobre a religião, ouvia dizer que era preciso fazer um resgate da ancestralidade; poxa, mas ancestralidade não é pai, mãe, avô e avó, primos?

Sim. E eu não tenho isso presente. Lendo o Daniel (Munduruku,2009) entendi que a ancestralidade também pode ser a nossa ancestralidade como seres humanos, pois ela é um movimento circular e não precisa ser só sobre o passado. Só posso pensar naquelas que vieram antes de mim, e que hoje me dão espaço para estar aqui, mas também nas próximas que virão. Ótimos ensinamentos e entendimentos eu tive com o Daniel (2009) , que é um indígena, assim como os caboclos que eu tanto amo. “Na verdade a gente aprende que não existem coisas insignificantes e que todos os seres vivos fazem parte da grande teia da vida, da qual não somos donos, mas apenas um de seus fios” (pg. 16).

Mexeu demais em mim quando li na tese da Paula Gonzaga (2019,p. 145) sobre eu ser a ancestralidade dos meus filhos. Naquele momento eu desaguei; as lágrimas rolam até mesmo escrevendo agora, porque é forte em mim, e eu sou assim, transbordo quando as emoções tomam conta do meu corpo. Dizem que filhas de Oxum são choronas, mas também enxergamos a vida com a profundidade das emoções. Isso não me torna frágil, me traz força e sabedoria para ver quantas vidas eu posso tocar, quais marcas vou deixar, tanto na/o minha/o filha/o quanto na/os minha/os aluna/os. Vi a lindeza em ser a ancestralidade de alguém, porque me orgulho das coisas que estou fazendo, e sim eu quero mudar o meu mundo e de outras pessoas, aqui eu encontro minha Yabá Oxum, e bato cabeça pra ela e celebro minha vida com Oxum.

Nesse mundo ou na religião, tudo é novo para mim, e me sinto uma criança, observando tudo o que acontece dentro da casa/terreiro. Quando temos os compromissos, como as segundas-feiras, que são os dias de trocar os ecós<sup>9</sup> do quarto de Santo e da casinha do Bará, fico como se estivesse em prece, e talvez seja isso mesmo, todo o trabalho na casa, como desde os preparos dos padês que são as comidas dos Exús, até a limpeza das casinhas, do Congá (lugar onde ficam as imagens das entidades da Umbanda), esse trabalho é doação, é estar presente. Quando estou lá dentro, sempre penso nas coisas boas que posso fazer pelas pessoas, que meu corpo e minha energia se transformem em instrumento para levar conforto a quem precise, mas também para celebrar a vida e nesse observar e aprender volto lá para sala de aula, pois também aprendo e observo, troco conhecimento, e quero fazer o bem através daquilo que sei, e penso que também serei ancestralidade dos meus estudantes, quem não teve aquela ou aquele professor que nos tocou profundamente?

Nas lições das divindades, o que precisamos saber é que não temos o Orixá ou caboclo que nos dará tais características, mas sim, aquele que precisamos para conseguir evoluir nas nossas batalhas internas e que nos apoie. É no meu processo de cura que encontro a minha Yabá Oxum.

Durante um tempo, me afastei de mim, esqueci meus valores e de alguma

---

<sup>9</sup> Ecós são preparados que fazemos com itens específicos conforme o Orixá para quem é feito. Eles têm como função “captar” as energias. Para cada orixá ele tem uma função diferente. Pode ser para proteção, para afastar energias negativas, para trazer energias de fartura, de prosperidade. Vai depender dos itens usados e para qual orixá. Mãe Carol (em uma conversa em uma segunda-feira)

forma continuei, tinha perdido o amor próprio, tratava bem os outros, era sempre gentil e carinhosa, cuidadosa com os outros, mas comigo mesma não era. E hoje consigo ver o que a minha Yabá fez por mim, nunca me abandonou, sempre me levantou do chão, antes mesmo que os outros pudessem me ver caída. Oxum me ensina a lutar , me ensina a dizer Não: ”Se algo te ferir, tu tem o direito de dizer: Não”. Me ensina que se esses não forem os olhos que me vejo, será inútil qualquer outro amor, pois sei que sempre serão insuficientes, cuidar dos outros antes de cuidar de mim é carência e desespero. Hoje eu celebro o amor de Oxum dentro de mim, e ele transborda por onde eu passar, por onde eu tocar. Ora Yê Yê Osún<sup>10</sup>!

### ***Foi na beira do Rio***

Foi na beira do rio

Aonde Oxum chorou,

Chora Yê Yê Oh!

Olhai os filhos seus.

### **A Professora...**

*nem todo mundo vai compreender*

---

<sup>10</sup> Osún é a pronúncia em Iorubá.

*isso tudo que você é  
o que não significa  
que você deva se esconder  
o mundo tem medo  
de mulheres extraordinárias.*

***Tudo Nela Brilha e Queima.***

*Ryane Leão (2017)*

Não sei ao certo quando essa professora iniciou seu processo de gestação, mas essas histórias que conto dão pistas desse percurso; o que sei é que ele não acabou, e nesse contar do tempo me defino aluna/professora e professora/ aluna “ A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. Elas me parecem a mesma” Audre Lorde ( 2020, p. 103). A sala de aula tem uma magia e te convido a fazer parte dessa magia. Pegue um assunto, uma disciplina, o que for e leve para as cabecinhas pensantes com quem convive, e tu vai ver a mágica acontecer; **se desprenda das expectativas e foque no amor**, a magia vai te invadir: “ o modo como você sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina” (Lorde (2020, p. 105).

Outro dia, precisava trabalhar a letra “i” com meu aluno do AEE (atendimento educacional especializado), ele tem 9 anos, com um diagnóstico de TEA e Apraxia da fala. Esses diagnósticos são recebidos pela escola para que o estudante receba um/a auxiliar durante o tempo que estiver no colégio, e para saber se vai ser um auxílio de grande, médio ou pequeno suporte. É importante falar sobre o diagnóstico, mesmo que depois de sabido eu foque no indivíduo, pois cada pessoa é única e o diagnóstico não vai definir quem ela é, mas vai me dizer de onde devo partir. Já que, independente de um laudo, todos merecem ser alfabetizados, ter sua autonomia respeitada e ter uma boa qualidade de vida. Então fomos olhar um vídeo animado no Youtube, que mostrava uma história sobre o indígena Ícaro e sua amiga Iguana, que tiveram sua aldeia incendiada por um homem mau; a coisa tava muito sem graça e não prendeu a atenção do aluno. Decidi fazer o Ícaro de rolo de papel higiênico, e logo o aluno pegou uma caneta verde, e falou que era a iguana. Quando eu fiz a voz do cara mau que queimou a aldeia do Ícaro, ele caiu na gargalhada e eu repeti inúmeras vezes por que ele pedia “ Fala Ta, o cara mau”, e foi ali que a terceira vogal foi introduzida. Ele que conduziu comigo aquele aprendizado. Essa construção em conjunto é nossa, esse é o efeito do amor, essa é a magia, pois como diz bell hooks (2020) o amor é o que o amor faz, é como nos responsabilizamos pelo outro e por nós mesmas.

Quando estou em sala de aula, eu me entrego; nem sempre são flores, há dias fáceis, leves e alegres, mas também há dias de muita resistência. Trabalhar com uma aluna com TOD (Transtorno Desafiador Opositor), é colocar o amor como ética de vida e fazer esse resgate o tempo todo. Todos os dias eu encontro motivos para acreditar que falar sobre amor e por amor nas coisas é o caminho certo e efetivo para mudar algo. Pode ser em sala, como em outro dia que uma aluna com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista), se desorganizou e começou a chorar copiosamente, eu tentei acolhê-la, não funcionou. Ela disse que precisava assistir a aula de geografia, e o professor olhou, perguntou se estava tudo bem, ela balançou a cabeça positivamente. Ele seguiu a aula. Uma aluna se preocupou, e me chamou, dizendo que a colega ainda não tinha parado de chorar, os outros seguiram a aula com o professor. E eu me questiono, como pode seguir a aula como se nada tivesse acontecendo, como podem outras pessoas não se sensibilizarem com a/o outra/o, onde a falta de bem-estar de alguém nos atravessa verdadeiramente? Então, logo já anoto sobre o que falar com as/os alunas/os, eu preciso dizer que pessoas autistas têm uma sensibilidade auditiva aumentada, e não só o barulho incomoda, mas irrita, desestabiliza e impede que a aluna tenha um tempo de aula de qualidade. Observando as/os alunas/os com essa colega, percebo que eles fazem coisas propositalmente para desorganizá-la, ficam, por exemplo, imitando a fala do Bob Esponja, com comentários para ela, e com a boca dão assobios

muito agudos, causando uma total angústia nela. Essas atitudes mostram a falta de empatia, a falta de amor nessas relações.

A minha graduação é para me tornar uma professora de Biologia, mas tudo mudou na minha vida quando eu fui trabalhar como professora auxiliar do AEE, acompanhando alunas/os com deficiência. Eu não seria a professora que sou hoje, sem essa vivência e interação, aumentando muito dentro de mim a valorização das diferenças. As alunas e os alunos de inclusão me ensinam tanto, principalmente sobre o tempo, o tempo deles. Foi assim que comecei a me dar conta de que os estudantes típicos também tem seu tempo, e que quando queremos que esse tempo do aprender seja o do professor (e o tempo do conteúdo), o brilho se apaga e o pensamento fica homogêneo, a diversidade se perde e o processo de cada indivíduo não é levado em conta. A sala de aula é lugar pra viver um dia de cada vez, e nesse andar docente é preciso apostar que todos os nossos atos são de amor. Outro dia estava na sala dos professores, lugar de muito café e desabafo, talvez seja ali o lugar mais desafiador da convivência, e outra professora auxiliar, assim como eu, disse : " entre eu e o Pedro aconteceu uma conexão desde o primeiro dia, é o amor. Apesar de que nem sempre funciona, por que com o Guilherme, não adiantou". Mesmo quem fala a palavra amor, faz essa associação do amor só a momentos lindos de reciprocidade, porque costumamos associar a ideia de amor somente quando as coisas dão certo. Esquecemos do poder de ação e transformação

do amor, e sair de cena, também é amor, por que ela construiu conhecimento, foi afetuosa, respeitosa e impôs limites até o minuto que não pôde mais, soube entender que não estava sendo bom, nem pra ela, nem para o estudante. É valioso enxergar o momento que tu não tem mais forças e sanidade mental para apostar em uma relação, isso também é amor.

Uma das coisas que me motivam a contar a minha história, a minha experiência, o meu sentir e trazer para a minha vida profissional é por que o pessoal é político. Isso quer dizer que as questões pessoais minhas e das/os minhas/eus alunas/os são tão importantes quanto as questões delas/es dentro da escola. Eu não posso dizer, agora “fulano” tu deixa esse problema que tá aí na tua cabeça, nesse cantinho e depois tu pega quando tu for para casa. Quando eu tinha uns nove/dez anos a minha Mãe e eu passamos por uma dificuldade financeira muito grande, porque minha avó tinha falecido, então a pensão que ela recebia, tinha sido cortada. Minha mãe era costureira, costurava de dia para comer à noite, as coisas estavam bem difíceis, diversas vezes vi minha mãe chorando porque não sabia se iríamos comer no outro dia. Eu comia na escola, vencia a vergonha de comer no refeitório da escola, e me deliciava, ora massa com sardinha, ora com nescau e bolacha. Falava para minha mãe qual tinha sido o cardápio do dia e ela sempre perguntava, acho que era para termos uma conversa de mãe e filha e também para ela ficar tranquila, pois ao menos na

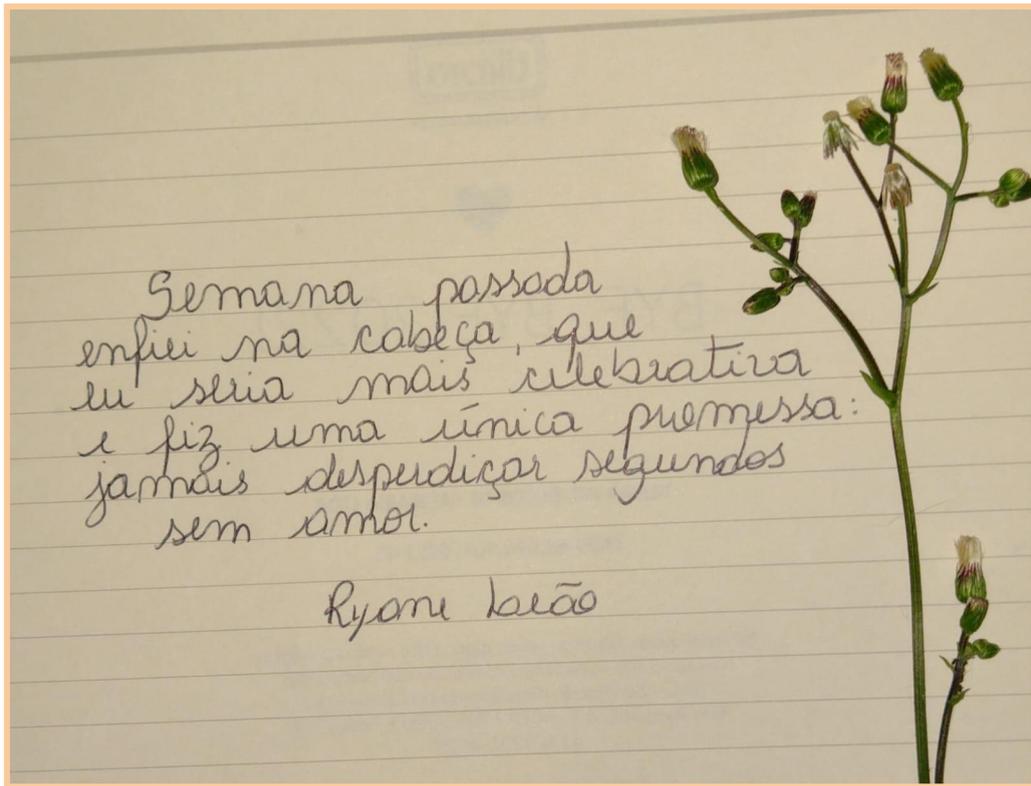
escola, eu me alimentava. Tem como dizer para uma criança esquecer dos problemas que a afetam? Dizer tem, mas é violento, é horrível e isso não poderia acontecer. Precisamos olhar para as histórias dos nossos alunos, acolher suas dores, caso contrário, o conteúdo de aula vai ser apenas gastação de saliva, e um muro se ergue entre a professora e os estudantes. Pensando sobre isso divido um pensamento de bell hooks:

Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo(2021, p. 25).

## **Considerações finais**

Esse trabalho é para mostrar a sala de aula que eu sonho, um lugar de verdadeira conexão com os corpos presentes, com o meu corpo presente, que se movimenta, pensa, sente, se emociona, que transborda. Tudo dentro da sala de aula importa, os meus desejos e da/os minhas aluna/os, as minhas histórias e as da/os minhas aluna/os. Quero construir com eles mais e mais histórias boas, ofertar o meu olhar e meu carinho, ofertar em abundância o amor que eu escolhi, assim como uma oferenda que faço dentro do terreiro para minha Mãe Oxum, quando eu peço doçura e amor na vida, e ela me dá todo o seu amor, e eu dou para os meus. É essa a

ideia de futuro que eu tenho para oferecer, o lugar onde sou alimentada, e alimento os meus. Deixei aqui pistas de como eu me constituí, através das minhas histórias e fui me enxergando através do abebé de Oxum, dos textos da bell hooks, da Paula, da Luciana, da Bruna e de tantas mulheres que cruzaram o meu caminho, e me mostraram que o amor só existe em comunidade, como escreveu bell hooks. E a partir dessa narrativa, penso no efeito do meu trabalho, que outras pessoas contem suas histórias também. Encerro esse texto possível, enquanto cuido dos meus filhos, enquanto pego o ônibus para trabalhar, enquanto limpo minimamente meu lar, enquanto vejo o sono da minha pequena criança com febre, enquanto choro a prova que não fui bem, e sinto o medo da possibilidade em não me formar logo; pois a minha independência financeira depende deste diploma, é com tudo isso na cabeça que escrevo o meu desejo de uma sala de aula onde o amor está Presente.



## **Posfácio**

Uma carta para: Querida bell hooks

Como você está? Com esta carta queria te contar como estou me tornando professora e de como tu me ensinou sobre um tema que é muito caro pra ti: o amor. Retirei o conteúdo desta carta de meu Trabalho de Conclusão de Curso. Meu trabalho tem um título que queria compartilhar contigo: *Como o amor reflete nos fazeres de uma professora?*

*Memórias para encantar os processos de ensino-aprendizagem.* Eu aposto no amor, no amor como ação, como aquilo que fazemos e a partir dos teus ensinamentos, quero compartilhar o que venho aprendendo na educação como **prática de liberdade**.

Eu conto histórias pra **erguer a voz**, tive medo de escrever as minhas histórias pessoais durante esse trabalho, por achar que não fosse um texto científico, mas dentro do livro **Ensinando pensamento crítico:sabedoria prática**, tu me ensina que contar histórias é compreender uns aos outros, e querida bell hooks é tudo o que eu quero, partilhar histórias para que principalmente mulheres se enxerguem nelas.

Preciso te dizer que a sala de aula que eu sonho, é a que é cheia de entusiasmo, e que todos que estão nela importam, longe do tipo de educação que eu recebi. Eu quis falar no amor em sala de aula para dar esperança e prazer em classe, pois é assim que eu me sinto quando eu estou dando aula, quero contagiar e valorizar a atividade de professora, e tu logo coloca pra mim que “o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio”.

As amigas professoras gostam de me escutar, e muitas já estão vindo comigo na onda da pedagogia engajada, essa pedagogia que eu queria e quero como uma docente, e pude ter meu embasamento teórico no *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Nas escolas por onde eu passei e na que estou atualmente a pedagogia tradicional é

muito presente, meu trabalho quer também fazer um apelo coletivo pela renovação de nossas práticas de ensino. Das tuas palavras “Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões- um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática de liberdade”.

Durante o projeto deste trabalho mencionei os nomes de algumas professoras e professores transgressores que passaram na minha vida e me enxergaram como um ser único, por que a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente. E trouxe a minha espiritualidade para dentro deste ensaio, sabia que o que estava aprendendo no terreiro serviria para pôr em prática na sala de aula, alguém disse, “ que antes de levantar para ensinar, preciso sentar para aprender”, olha como tu bell hooks e Oxum estão o tempo todo me guiando, me fazendo consciente desse processo para encarar uns aos outros como seres humanos integrais, e como vivemos no mundo.

Tu fala sobre autoatualização, e o axé de Oxum também fala sobre o autoamor e autocuidado, pois se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar muita gente, ou seja a pedagogia engajada foca no bem-estar tanto da professora quanto dos alunos, e não desconectando corpo e mente, não compartimentalizando os corpos integrais. Essa semana minha

colega precisou estar ausente do colégio e eu auxilie os alunos dela em uma prova de língua portuguesa, alunos que foram meus no ano passado, dois meninos autistas, então já nos conhecíamos, um dos meninos estava se desorganizando, quando eu cheguei ele me falou que não aguentava esse peso que ninguém vê nas costas dele, algo dentro da cabeça, e todos os dias aprender coisas que ele não compreende, e outras coisas que estavam incomodando ele como o conflito em ser comunista e também ser católico. Então ele me perguntou se poderia ser progressista, a conversa se estendeu, mas parece que ele sentiu um alívio em relação a ser progressista e que não existia apenas a religião dele e do amigo que também era um motivo para momentos de crises, então eu apresentei a minha religião, pra ele que é muito literal, teve um significado muito grande essa conversa, e pra mim tudo o que importava naquele momento era como ele pensava e como ele estava se sentindo, e soube naquele momento que eu precisa correr o risco também de falar sobre como me sinto quanto a essa sensação de peso nas costas, pra mostrar pra ele que eu estava inteira de corpo, mente e espírito presentes.

Sabe bell hooks, eu acredito verdadeiramente na transformação da sociedade Ameericana, através da educação. Outro dia fui preencher uma planilha no computador que fica na sala de informática, onde estava tendo aula do terceiro ano, presenciei uma aluna negra sendo chamada a atenção, eu logo fui para o computador, quando derrepente senti uns bracinhos

atrás de mim, era essa mesma menina me perguntando quem eu era, eu me apresentei perguntei o nome dela, e disse que logo sairia da sala, para não atrapalhar a aula dela, a resposta da menina foi “ não tem problema pode ficar, tu acabou de deixar este lugar um pouco melhor”, a professora dessa menina dias depois, me falou que a Mãe da aluna odiava ela, por que achava que ela, a professora era racista. Quando observo dentro do colégio situações de racismo como essa, eu penso que a escola é o reflexo da sociedade e vice-versa, eu trago engasgado em mim o racismo, o machismo, o elitismo acadêmico, os cortes que a educação vem sofrendo, tudo isso fazem as práticas continuarem sendo excludentes, e se fechamos os olhos enquanto corpo docente para essas questões, e não as tratamos com amor, estamos fadados ao fracasso, por que para rompermos esse ciclo de dores e violência o amor precisa estar presente, e eu não desisto quando sinto que tua mão segura a minha na caminhada por justiça social.

Querida bell hooks, espero que tenha gostado de saber como o amor tem operado em minha vida e como ele se manifesta plenamente quando me encontro contigo e com Oxum. Vocês têm agido em minha docência de uma forma tão intensa e de uma maneira tão profunda que preciso celebrar e agradecer. Sonho com vocês uma sala de aula como um lugar de verdadeira conexão com os corpos presentes, com o meu corpo presente, este que se movimenta, pensa, sente, se emociona, que transborda. Tudo

dentro da sala de aula importa, os meus desejos e da/os minhas aluna/os, as minhas histórias e as da/os minhas aluna/os.

Quero construir com eles mais e mais histórias boas, ofertar o meu olhar e meu carinho, ofertar em abundância o amor que eu escolhi, assim como uma oferenda que faço dentro do terreiro para minha Mãe Oxum, quando eu peço doçura e amor na vida, e ela me dá todo o seu amor, e eu dou para os meus. É essa a ideia de futuro que eu tenho para oferecer, o lugar onde sou alimentada, e alimento os meus.

Encerro essa carta possível, enquanto cuido dos meus filhos, enquanto pego o ônibus para trabalhar, enquanto limpo minimamente meu lar, enquanto velo o sono da minha pequena criança com febre, enquanto choro a prova que não fui bem, e sinto o medo da possibilidade em não me formar logo; pois a minha independência financeira depende deste diploma, é com tudo isso na cabeça que escrevo o meu desejo de uma sala de aula onde o amor está Presente. Um forte abraço.

### **Referências:**

ANZALDÚA, Gloria. **“Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”**. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. v. 2. São Paulo: MASP, 2019. p. 85-94.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; RODRIGUES, Luciana. Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 23, n. 1, p. 153-173, 2021.

GONZAGA, Paula.R.B. **"A GENTE É MUITO MAIOR, A GENTE É UM CORPO COLETIVO":Produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. Doutorado-UFMG.** Belo Horizonte. Pág. 144. 2019.

HOOKS,bell.**Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática.**  
São Paulo, Elefante,2020.

HOOKS,bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade.** São Paulo, *wmf* Martins Fontes, 2017.

HOOKS,bell. **Tudo sobre o Amor:novas perspectivas.** São Paulo, Elefante, 2021.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima.** Editora Planeta do Brasil, 2017.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar.** Planeta Estratégia, 2019.

LORDE,Audre. **Sou sua irmã: escritos reunidos.** Organizado e apresentado por Djamila Ribeiro;traduzido por Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

RODRIGUES, Luciana. **Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil.** Pág,2.2022.

[https://sidneysilva.com.br/adolescente-trans-de-serra-negra-do-norte-rn-e-encontrada-morta-no-ser-  
tao-da-paraiba/](https://sidneysilva.com.br/adolescente-trans-de-serra-negra-do-norte-rn-e-encontrada-morta-no-ser-<br/>tao-da-paraiba/)